

Comentário mensal

Jun/2026

Joule Value FIC FIA

Uma ação costuma cair por dois motivos que não se parecem em nada. Cai porque a tese que a sustentava se quebrou, ou cai porque o preço, esticado demais, apenas cansou. Em um home broker, os dois movimentos são idênticos: um número vermelho. Na lógica de um portfólio, são opostos. **Junho foi um mês inteiro dedicado a não confundir esses dois eventos.**

O fundo encerrou o mês em alta de **aproximadamente 2,01% (21,67% em 2026)**, e a composição do resultado conta uma história diferente da de maio. No mês passado, uma única posição internacional (Micron) sustentou sozinha uma carteira brasileira que sangrava por todos os lados. Neste mês, se a Micron seguiu no comando, contribuindo com **3,15 pontos percentuais**, teve seu palco dividido. A Tenda trouxe 1,55 ponto, e a Moura Dubeux, a posição que mais pesara na cota em maio, virou a terceira maior contribuição do mês, com 1,17. O Brasil que pesou em maio começou a ajudar. Na direção oposta, foram os grandes nomes americanos de tecnologia (fora do mercado de memória) como Amazon e Meta, que devolveram parte do que vinham entregando.

Nenhuma dessas viradas desfez uma tese. Todas mexeram no preço. Foi essa a distinção que junho cobrou que soubéssemos ler, e ela apareceu em três frentes: o intenso movimento de inteligência artificial, que corrigiu sem se romper; o Banco Central brasileiro, que assustou sem soltar a âncora; e o dólar, que voltou a reinar mais por consenso do que por convicção. Tratamos cada uma a seguir, e depois mostramos onde nossa leitura encontra nosso portfólio.

A parábola encontrou seu teste

A tese que carregou o ano inteiro finalmente corrigiu, e o que corrigiu foi o posicionamento, não o fundamento. Até meados de junho, a inteligência artificial não subia: decolava. O índice global de semicondutores dobrou no ano, algo que não se via desde 1999, e a Coreia do Sul, onde o tema virou quase um índice de ação única, acumulava ganhos que só faziam sentido sob a lógica do momentum. Então a curva de juros americana mudou de humor. O payroll de maio reacendeu o “higher for longer”, a estreia dura de Kevin Warsh no Fed deu o empurrão, e o ajuste veio proporcional à alta que o precedeu. O Kospi caiu cerca de 10% num único pregão, acionando o circuit breaker; Samsung e SK Hynix, que juntas valem mais da metade do índice coreano, recuaram mais de 10%; os estrangeiros venderam mais de US\$ 3 bilhões em ações coreanas em um só dia. Do outro lado do Pacífico, o grupo das hyperscalers americanas viu perto de US\$ 3 trilhões de valor de mercado evaporarem, num dos piores meses da história recente da big tech. Apesar de o valor de mercado dessas empresas parecer algo absolutamente dominante, ele é leve como uma pena diante da relevância dos juros americanos. Internamente, gostamos de entender esses movimentos sob um modelo mental proprietário, que pondera a importância de cada força pelo peso do seu valor de mercado, um “market cap weighted event”: nessa leitura, mesmo uma companhia “too big to fail” tomba diante de uma onda maior. Ou, para “abrasileirar” um ditado que o mercado usa muito em inglês, **sempre há um peixe maior.**

O que não caiu foi o motivo pelo qual carregamos a memória (Micron). No meio da correção, a empresa entregou um resultado trimestral forte: a receita, que um ano antes rodava perto de US\$ 9 bilhões, bateu mais de US\$ 40 bilhões, com a ação subindo cerca de 17% no pré-mercado logo depois de ter perdido mais de 10% na largada da semana. No mesmo intervalo, Samsung e SK Hynix anunciaram, juntas, um plano de 800 trilhões de won, algo como US\$ 518 bilhões, para novas fábricas de chips na Coreia. É o lado da oferta respondendo à demanda estrutural com capital de verdade. A memória de “alta banda” da Micron está vendida para todo o calendário de 2026, com preço mais de 50% acima do ano anterior, e a companhia já ocupa perto de um quarto de um segmento que era quase monopólio da SK Hynix. Como escrevemos em maio, a memória deixou de ser a commodity mais cíclica da cadeia para virar contrato de longo prazo, e junho reforçou essa leitura em vez de enfraquecê-la.

Os sinais de euforia, no entanto, são reais, e a Micron não é imune a eles. O mercado lê um conjunto de parâmetros, ainda que o primeiro deles possa aparentar ser um argumento histórico estúpido, não deixa de representar um sinal: um estudo do BCA lembra que ativos em bolha costumam acumular valorização real perto de dez vezes antes de reverter, marca que o Nasdaq 100 atingiu, e que as ações globais de semicondutores já ultrapassaram. Somemos ainda a fila de aberturas de capital gigantes. Praticamente qualquer composição sugere fase avançada de entusiasmo com o tema. Mas isso pesa no equilíbrio do tamanho da nossa posição, mais do que na convicção sobre a tese. A correção de junho limpou a lotação do trade (“crowding”), o posicionamento concentrado dos fundos, como poucas vezes pôde-se ver, com mínimas posições de caixa, sem tocar na trajetória de lucro. **Desfez o preço, não o motivo.**

O excepcionalismo virou consenso

Quando todos estão do mesmo lado do barco, o risco deixa de morar na tese e passa a morar na “lotação”. Um mês antes do susto coreano, o mercado tinha uma certeza confortável: a de que o Fed cortaria juros ao longo de 2026. Warsh a desfez na estreia. O Fed manteve a taxa entre 3,50% e 3,75%, como se esperava, mas o comunicado abandonou quase todo o forward guidance e as projeções passaram a admitir uma alta ainda neste ano. Em poucas semanas, a curva americana saiu de precificar dois cortes para precificar duas altas. O “excepcionalismo americano” voltou ao vocabulário: dólar mais forte, ativos dos Estados Unidos sugando a liquidez global, e o “debasement trade” do fim de 2025, dólar fraco e ouro em alta, enterrado pela combinação de um Fed mais duro com uma economia que a inteligência artificial mantém aquecida.

A leitura é sedutora, e pode até estar certa. O que nos chama atenção é que todos estão nela. Quando um trade fica tão consensual, o risco deixa de estar na direção e passa a estar na surpresa, e a surpresa, aqui, seria dovish. A Gavekal monta o argumento com clareza: o cenário mais provável é o Fed não entregar as altas que promete. Um país com déficit explosivo, precisando encontrar comprador para mais de US\$ 2 trilhões de dívida e com uma economia dependente de preços de ativos elevados, tem pouca margem para apertar de verdade. Warsh promete dureza; a dúvida é se pode cumpri-la. Se não puder, o dólar rola e os trades anti-dólar voltam. Muita gente está comprada em won contra o dólar, alguns projetam cerca de 20% de valorização em doze meses.

Esse é o mecanismo por trás do que o Brasil sentiu no mês. O fluxo estrangeiro que deixou a bolsa local, com os fundos globais vendendo líquidos mais de US\$ 90 bilhões em emergentes fora da China, diz pouco sobre os fundamentos brasileiros e mais sobre o dólar forte e a IA drenando o capital do mundo para um punhado de nomes.

A força do dólar é real, mas é alugada, não possuída. Repousa sobre uma promessa de dureza que o emissor pode não conseguir honrar.

O susto que não virou ruptura

O Banco Central quase perdeu a narrativa das expectativas, mas a âncora não se soltou. No mesmo 17 de junho em que Warsh estreou, o Copom cortou a Selic em 0,25 ponto, para 14,25%, por unanimidade, o último corte que vínhamos sinalizando como o terminal do ciclo. A decisão não surpreendeu. A comunicação, sim. O comitê manteve as projeções de inflação acima da meta em todo o horizonte, mas não descartou novos cortes, e o mercado leu a mensagem como otimista demais para o próprio diagnóstico. A reação foi imediata e dura: o dólar disparou, a curva longa abriu, e os juros futuros passaram a precificar um novo ciclo de alta, com terminal acima de 15%. É o comportamento típico de um banco central que perde a narrativa das expectativas.

O susto, porém, não virou ruptura. Nas duas semanas seguintes, o IPCA-15 de junho surpreendeu para baixo, com serviços e núcleos abaixo do previsto; o Relatório Trimestral de Inflação reancorou a comunicação; e as expectativas do Focus, que vinham piorando havia semanas, pararam de piorar. Por baixo de tudo, o petróleo fez o trabalho pesado. O WTI, que passou três meses perto de US\$ 100, recuou para a casa dos US\$ 70 com a trégua no Oriente Médio, e essa desinflação importada vazou para a curva local. A credibilidade balançou e se recompôs em parte.

O que não melhorou foi a derivada. O próprio Banco Central introduziu um novo risco altista no seu balanço, o estímulo fiscal e parafiscal à demanda, a poucos meses da eleição e sobre contas públicas já esticadas. Como escrevemos em fevereiro, **o mercado não precifica o estoque, precifica a derivada**, e a derivada fiscal brasileira segue apontando na direção errada. É nesse ponto que a eleição deixa de ser ruído e vira variável de custo de capital. Não pelo prisma partidário, que não é o nosso, mas pelo prêmio que o mercado exige para financiar o país: a corrida está competitiva, a leitura regional é de uma onda de direita que ainda avança pela América Latina, e o mercado local trata a hipótese de continuidade como o cenário mais adverso para a política econômica. Voltamos à matriz que desenhamos em fevereiro, disciplina fiscal contra deterioração, visibilidade gradual ao longo deste ano contra o gap de uma correção tardia, e seguimos posicionados para o desfecho, não para adivinhá-lo.

Foi sob esse pano de fundo que o fluxo externo tratou o Brasil, mais uma vez, como fonte de funding. O que apelidamos em março de cleanest EM trade é vendido primeiro por ser o mais líquido, não por ser o pior. A diferença de junho está no que veio depois: o desconto começou a ser recompensado, e a parte da bolsa que havia sido tratada como caixa eletrônico, a começar pelas incorporadoras, liderou a recuperação do mês.

O saldo é um susto que mexeu no preço do risco brasileiro sem mover, de forma decisiva, o seu fundamento. A credibilidade oscilou e voltou, o fiscal seguiu ruim, a eleição ficou mais perto. **O desconto continua sendo a oportunidade. O fluxo que o resolve ainda não virou de vez.**

O resto do quadro

O vetor de risco dominante trocou de assento; o regime por baixo dele, não. O pano de fundo do mês confirma menos um evento e mais uma troca de protagonista. Apesar da volta da guerra no começo deste mês de julho, até o momento em que escrevemos esta carta, a troca do protagonismo não se alterou. Em junho, o Oriente Médio saiu da capa: com o cessar-fogo entre Estados Unidos e Irã e o petróleo de volta aos níveis pré-guerra, o risco de cauda migrou do choque de oferta para uma ameaça mais discreta, a de um “pedágio” no Estreito de Ormuz que a Gavekal descreve como latente. No lugar dele, voltaram a inteligência artificial e o excepcionalismo americano. A economia dos Estados Unidos seguiu resiliente, com núcleo do PCE em 3,4%, varejo firme e PIB do primeiro trimestre revisado para cima, o que mantém o Fed sem pressa e a curva longa pressionada. A China deu sinais marginais de melhora na indústria, ainda sob risco de deflação. E as margens corporativas americanas, nas máximas do pós-guerra, alimentam tanto o lucro recorde quanto a dúvida sobre sua sustentabilidade. A estreia da SpaceX na bolsa, de US\$ 150 a US\$ 230 e de volta a US\$ 155 em poucos dias, é o retrato do apetite especulativo na ponta. **É moldura, não enredo.**

Onde a leitura vira portfólio

O retrato de junho, a Micron ainda em primeiro mas agora com a Moura Dubeux e a Tenda ao lado, é a rotação que esperávamos começando a aparecer. A leitura posição a posição mostra por quê.

A **Micron** foi, de novo, a maior contribuição do mês, com 3,15 pontos, e merece a primeira palavra porque foi ela que passou no teste que derrubou o resto do complexo. Não a compramos pelo preço-alvo da vez, e sim, lá atrás, por um negócio barato cuja ciclicidade o mercado precificava como se nada tivesse mudado. O que mudou, detalhamos em maio: contratos longos travando volume e preço, oferta disciplinada, a memória de alta banda absorvendo a capacidade que antes iria para a DRAM comum. O resultado do trimestre, no meio da correção, confirmou a tese em vez de contestá-la, com receita em forte aceleração, toda a oferta de memória de alta banda de 2026 já vendida a preço mais de 50% acima e uma fatia de mercado que beira um quarto do segmento antes dominado pela SK Hynix. Com **quase 12,5% do fundo**, segue sendo a maior fonte de convicção internacional da carteira, e, mesmo depois do sobe-e-desce do mês, ainda negocia a menos de dez vezes o lucro projetado para 2027. **O mês que testou a posição foi o que mais a validou.**

A **Moura Dubeux** foi a virada do mês, e a mais instrutiva. Maior posição do fundo, com **19,6%**, foi também a que mais custou à cota em maio; em junho, virou a terceira maior contribuição, com 1,17 ponto. A tese nunca dependeu de um mês. É a líder do mercado nordestino, com um banco de terrenos de quase R\$ 10 bilhões de valor geral de vendas montado em sua maior parte por permuta, o que preserva caixa e dá seletividade para investir. Essa disciplina apareceu no gesto que marcou o mês. A companhia arrematou o complexo da antiga sede dos Correios em Salvador por R\$ 97,7 milhões, um terreno de 35 mil metros quadrados a duas quadras da praia, descrito como o último grande lote da Pituba, que os Correios não conseguiam vender havia oito anos e mais de vinte leilões. A Moura entrou, nas palavras da própria empresa, quando o preço chegou ao custo de oportunidade. Não é expansão pela expansão. É a alocação de sempre: comprar um ativo subaproveitado a preço de saldo, com um balanço que uma década de juro alto deixou dominante numa região da qual as construtoras paulistas recuaram. A ação liderou a recuperação imobiliária porque tinha sido vendida como funding, não porque o negócio havia piorado.

A **Tenda** somou 1,55 ponto, a segunda maior contribuição, e é a posição em que a execução fala mais alto que o ciclo. Foi o nome mais discutido pelo buy-side de baixa renda no mês, e o motivo é a Alea, a “fábrica de casas” que a companhia vem maturando. As visitas de campo que os bancos publicaram em junho confirmaram o que a tese pedia: o custo por unidade já caiu cerca de 10% contra 2025 e caminha para uma queda de 25% à medida que a mão de obra é internalizada e as etapas migram para a fábrica de Jaguariúna, onde a casa de madeira é produzida em sua maior parte fora do canteiro. É exatamente a linha que o INCC pressiona, e o INCC, de novo, ajudou, com o custo de mão de obra recuando na margem. **Onde o mercado enxergava risco de custo, a Tenda industrializou o problema.** O retorno sobre o patrimônio projetado avança para a casa dos 40%, e a ação ainda negocia perto de cinco vezes o lucro de 2027. O múltiplo ainda trata a entrega como promessa; os canteiros, um a um, vêm mostrando o contrário.

A **C&A** fez o oposto e, por isso, ilustra melhor ainda a distinção do mês: custou 0,44 ponto mesmo com a tese melhorando. É o retrato de um mercado que vende o desconto, não o fundamento. Um importante banco nacional iniciou a cobertura chamando a ação de irracionalmente barata, a cinco vezes e meia o lucro, com retorno de caixa livre perto de 14%, um desconto de cerca de 35% para a Renner e uma recompra já executada pela metade. E a operação vem virando. Em vez de reclamar da concorrência asiática ao governo, a companhia estudou o modelo da Shein, encurtou coleção e reduziu remarcação, e o vestuário reacelerou, com o tracker de alta frequência do setor mostrando o segmento crescer mais de 7% em maio. A distância de produtividade para a Renner, que já foi enorme, vem se fechando. O mercado a vendeu no técnico e na aversão ao risco; a geração de caixa segura o downside enquanto a virada acontece. É a posição em que narrativa e preço mais divergem hoje, e **é quando divergem que o preço costuma, no fim, prevalecer.**

O fio que costura as quatro posições, e as que pesaram sem aparecer aqui, é o mesmo de sempre. A Micron é o fundamento que resistiu à parábola; a Moura Dubeux e a Tenda, o desconto que o mercado começou a recompensar; a C&A, o desconto que ainda espera. Nenhuma foi comprada para ganhar num mês específico, mas para que nenhum ambiente isolado seja dono do fundo. Como registramos em dezembro, sobreviver a um ciclo brutal de custo de capital virou, ele próprio, vantagem competitiva, e é desse filtro que sai a maior parte do que carregamos. **Em maio, o fluxo tratou o nosso Brasil como caixa eletrônico. Em junho, começou a devolver parte do saque.**

O que muda. O que permanece.

Vimos um mês que premiou a distinção entre uma correção e uma mudança de regime. O fundo se alargou: a Micron seguiu no comando, mas o Brasil imobiliário que havia sangrado em maio liderou a recuperação, e a carteira parou de depender de um único nome para andar. É o desenho que perseguimos, funcionando.

Mudou o ambiente, em três frentes. A tese de inteligência artificial levou seu primeiro susto de verdade e sobreviveu pelo fundamento, não pelo múltiplo. O dólar recuperou o excepcionalismo, mas o recuperou como consenso lotado, à mercê de um Fed que promete mais dureza do que talvez possa entregar. E o Banco Central brasileiro balançou a própria credibilidade sem rompê-la, enquanto o fiscal e a eleição continuaram exatamente onde estavam.

O método não muda. Não arbitramos fluxo nem timing. Carregamos negócios que não precisam de um cenário perfeito, comprados a preços que limitam o que se pode perder, com um lastro em ativos que não dependem do real. O desconto vira retorno não quando o consenso o enxerga, mas quando já foi comprado bem, e quando se tem paciência para esperar o fluxo voltar à porta estreita. **Junho começou a pagar o que maio havia cobrado. Seguimos fazendo o mesmo.**

São Paulo, 16 de Julho DE 2026.

joule
asset mana



José Luiz Junqueira

Gestor de Renda Variável e CIO da Joule Asset Management

Relatório mensal

Fechamento Jun/2026

Cota atualizada em: 30/06/2026
Divulgado em: 01/07/2026

Joule Value FIC FIA

Objetivo e Política de Investimento

O principal objetivo do fundo é gerar retornos consistentes a longo prazo. A política de investimento do Joule Value FIC FIA é baseada na Escola Fundamentalista e suas bases seguem o Evidence Based Investing. O Fundo não faz uso de derivativos e não alavanca sua carteira. A estratégia de investimento consiste em identificar ações de empresas que estejam significativamente subvalorizadas em relação ao seu valor intrínseco e mantê-las em carteira até que atinjam seu valor justo. O portfólio é composto por ações de companhias com sólidos fundamentos, boa eficiência operacional, boas práticas de governança corporativa, potencial de crescimento sustentável a longo prazo com diferenciais competitivos.

O Fundo Joule Value FIC FIA representa uma boa alternativa de poupança de longo prazo.

Público-alvo

Pessoas físicas e jurídicas que buscam investimentos sólidos de longo prazo em renda variável.

Características do Fundo

- Data de Início: 15/01/2009
- Taxa de Administração: 2,00% ao ano sobre o patrimônio líquido
- Taxa de Performance: 20% do que exceder o Ibovespa
- Taxa de Ingresso ou Saída: Não há
- Aplicação Mínima: R\$ 1.000,00
- Movimentação Mínima: R\$ 300,00
- Prazo de Resgate: cotização em D+28 e pagamento em D+2 após cotização
- Prazo de Carência: Não há
- Tributação: 15% retido na fonte sobre o lucro no ato do resgate
- Classe / Tipo ANBIMA: Ações / Ações Livre

Administrador:

BTG PACTUAL SERVIÇOS
FINANCEIROS S/A DTVM

Gestão:

Joule Asset Management

Dados para investimento:

Favorecido: Joule Value Fundo de
Investimento em Cotas de Fundos de
Investimento em Ações
CNPJ: 08.545.330/0001-74
BANCO BTG PACTUAL (208)
Agência: 0001
Conta corrente: 002447846

Para acessar o sumário da remuneração de prestadores de serviço clique [aqui](#).

Desempenho Histórico Joule Value FIC FIA

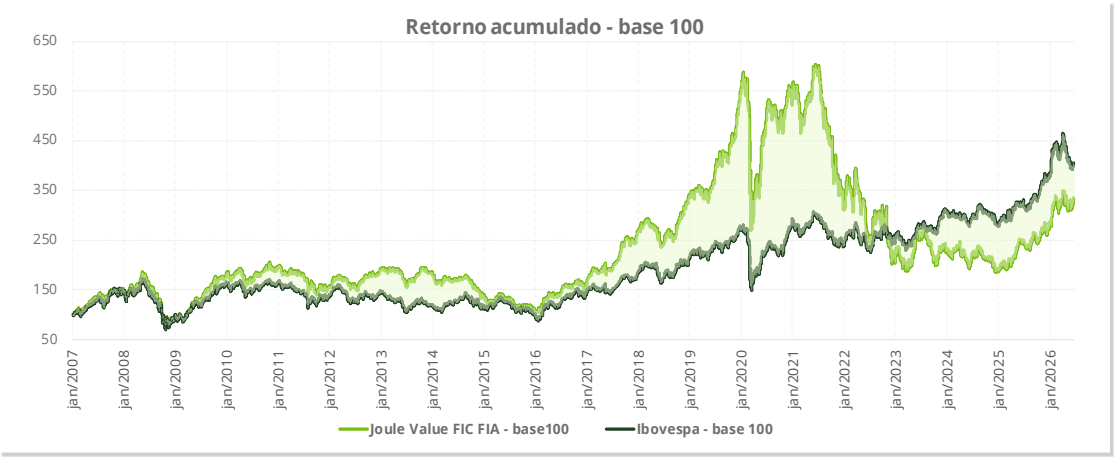
Joule Value FIC FIA										
	Data:	Valor da cota	Pat. Líq. - R\$	Var. Mês	Var. Ano	06 meses	12 meses	24 meses	36 meses	Desde o Início
Joule Value FIC FIA	30/06/2026	2,74172433	1.517.651,07	2,0	21,7	21,7	34,4	63,8	31,4	233,6
Ibovespa	30/06/2026	172.024,12	n.a.	-1,0	6,8	6,8	23,9	38,8	45,7	307,2

Cota mais recente: 30/06/2026

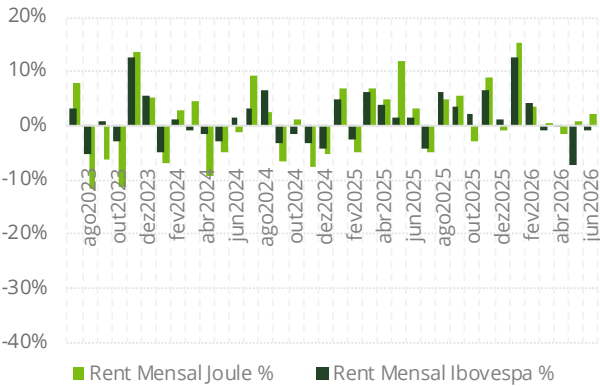
Histórico de Rentabilidade:

*	retorno %	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	No ano
2009	Joule Value FIC FIA	1,8	-2,9	7,9	14,7	13,4	0,3	10,9	5,4	6,9	-0,7	7,8	1,9	90,02
	Ibovespa	3,5	-2,8	7,2	15,5	12,5	-3,3	6,4	3,1	8,9	0,0	8,9	2,3	80,58
2010	Joule Value FIC FIA	-0,9	0,9	6,3	-3,6	-6,5	-3,0	10,6	-1,4	5,9	2,9	-2,5	2,7	10,51
	Ibovespa	-4,6	1,7	5,8	-4,0	-6,6	-3,3	10,8	-3,5	6,6	1,8	-4,2	2,4	1,04
2011	Joule Value FIC FIA	-5,2	-0,7	1,9	-0,2	0,1	-3,4	-5,1	-4,8	-11,4	9,0	-2,7	0,0	-21,43
	Ibovespa	-3,9	1,2	1,8	-3,6	-2,3	-3,4	-5,7	-4,0	-7,4	11,5	-2,5	-0,2	-18,11
2012	Joule Value FIC FIA	8,4	3,8	-0,3	-0,3	-6,6	-1,4	0,1	7,0	3,7	2,5	-0,1	4,7	22,65
	Ibovespa	11,1	4,3	-2,0	-4,2	-11,9	-0,2	3,2	1,7	3,7	-3,6	0,7	6,1	7,40
2013	Joule Value FIC FIA	1,0	0,0	2,1	-1,0	-5,9	-8,2	1,4	-0,5	7,6	7,9	-3,2	-0,9	-0,99
	Ibovespa	-2,0	-3,9	-1,9	-0,8	-4,3	-11,3	1,6	3,7	4,7	3,7	-3,3	-1,9	-15,50
2014	Joule Value FIC FIA	-12,1	2,7	3,7	-2,1	-1,9	1,8	0,8	3,9	-6,1	-5,5	-4,7	-7,0	-24,66
	Ibovespa	-7,5	-1,1	7,1	2,4	-0,8	3,8	5,0	9,8	-11,7	0,9	0,2	-8,6	-2,91
2015	Joule Value FIC FIA	-12,8	5,8	-0,3	8,2	-3,8	-1,0	-3,6	-8,0	-5,0	3,1	-2,1	-0,4	-19,65
	Ibovespa	-6,2	10,0	-0,8	9,9	-6,2	0,6	-4,2	-8,3	-3,4	1,8	-1,6	-3,9	-13,31
2016	Joule Value FIC FIA	-1,5	5,9	12,6	6,3	-3,0	4,0	10,1	-1,7	0,7	8,7	-2,2	-3,2	41,30
	Ibovespa	-6,8	5,9	17,0	7,7	-10,1	6,3	11,2	1,0	0,8	11,2	-4,6	-2,7	38,93
2017	Joule Value FIC FIA	11,6	6,4	-2,7	4,2	-2,1	1,6	6,0	8,7	9,6	4,5	-3,1	6,4	62,97
	Ibovespa	7,4	3,1	-2,5	0,6	-4,1	0,3	4,8	7,5	4,9	0,0	-3,1	6,2	26,86
2018	Joule Value FIC FIA	9,1	1,3	-0,8	-2,3	-6,9	-7,4	9,1	0,8	-2,8	15,3	6,9	5,5	28,48
	Ibovespa	11,1	0,5	0,0	0,9	-10,9	-5,2	8,9	-3,2	3,5	10,2	2,4	-1,8	15,03
2019	Joule Value FIC FIA	3,8	1,1	0,1	-0,4	-0,3	5,8	9,7	6,0	-1,5	5,8	3,0	14,5	57,97
	Ibovespa	10,8	-1,9	-0,2	1,0	0,7	4,1	0,8	-0,7	3,6	2,4	0,9	6,8	31,58
2020	Joule Value FIC FIA	5,8	-8,5	-39,5	19,8	6,9	17,9	11,5	-2,1	-6,7	-2,0	13,9	4,6	5,05
	Ibovespa	-1,6	-8,4	-29,9	10,3	8,6	8,8	8,3	-3,4	-4,8	-0,7	15,9	9,3	2,92
2021	Joule Value FIC FIA	-2,7	-7,8	-0,9	8,7	6,3	4,1	-10,5	-7,1	-9,7	-18,2	-4,2	0,3	-36,87
	Ibovespa	-3,3	-4,4	6,0	1,9	6,2	0,5	-3,9	-2,5	-6,6	-6,7	-1,5	2,9	-11,93
2022	Joule Value FIC FIA	8,4	-8,5	9,8	-10,1	-5,0	-23,2	5,7	11,2	-2,9	7,0	-20,2	-7,5	-35,76
	Ibovespa	7,0	0,9	6,1	-10,1	3,2	-11,5	4,7	6,2	0,5	5,5	-3,1	-2,4	4,69
2023	Joule Value FIC FIA	5,2	-14,1	-3,0	4,3	14,2	8,3	7,7	-11,7	-6,1	-11,2	13,5	5,1	6,84
	Ibovespa	3,4	-7,5	-2,9	2,5	3,7	9,0	3,3	-5,1	0,7	-2,9	12,5	5,4	22,28
2024	Joule Value FIC FIA	-7,1	2,7	4,4	-9,3	-4,8	-1,4	9,3	2,4	-6,5	1,0	-7,6	-5,3	-21,44
	Ibovespa	-4,8	1,0	-0,7	-1,7	-3,0	1,5	3,0	6,5	-3,1	-1,6	-3,1	-4,3	-10,36
2025	Joule Value FIC FIA	7,0	-4,9	6,8	4,8	12,0	3,2	-4,7	5,0	5,4	-3,0	9,0	-1,0	45,46
	Ibovespa	4,9	-2,6	6,1	3,7	1,5	1,3	-4,2	6,3	3,4	2,3	6,4	1,3	33,95
2026	Joule Value FIC FIA	15,5	3,4	0,5	-1,4	0,9	2,0							21,68
	Ibovespa	12,6	4,1	-0,7	-0,1	-7,2	-1,0							6,76

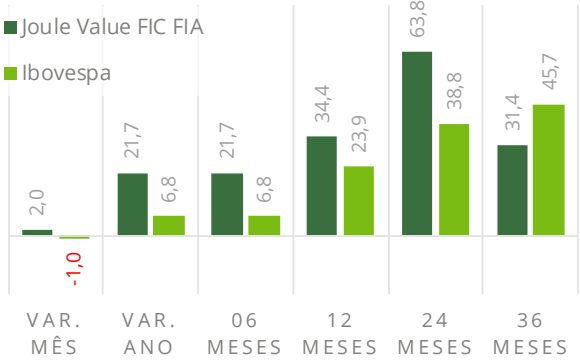
Cota mais recente: 30/06/2026



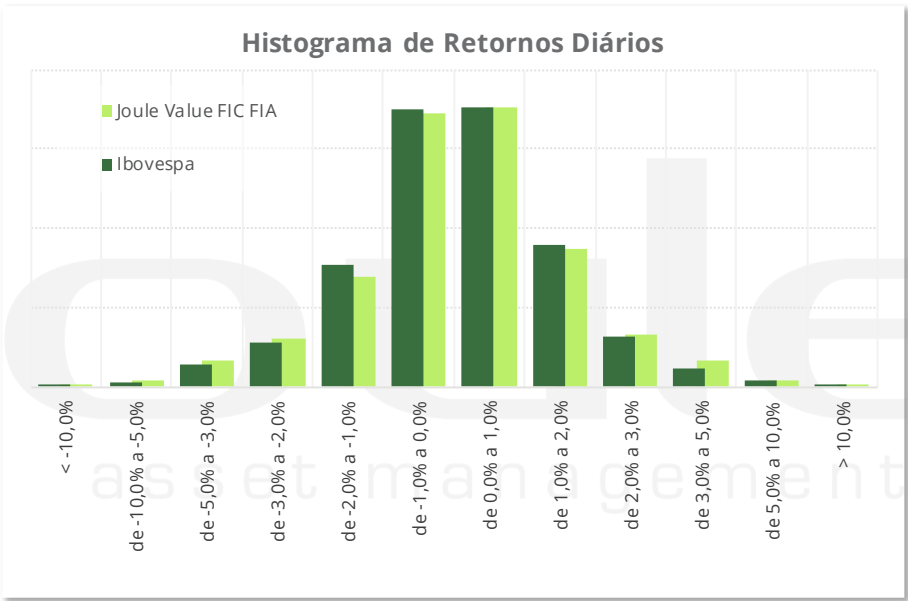
Retornos mensais - últimos 36 meses



RENTABILIDADE ACUMULADA %

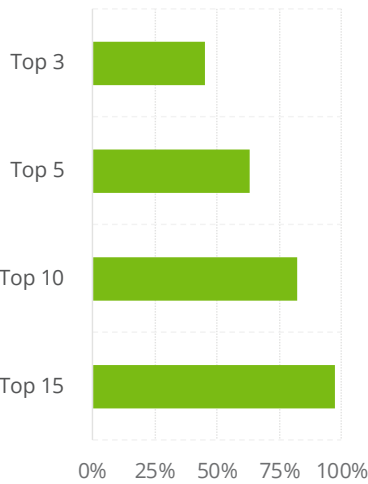


Distribuição de retornos diários, Joule Value FIC FIA vs Ibovespa:

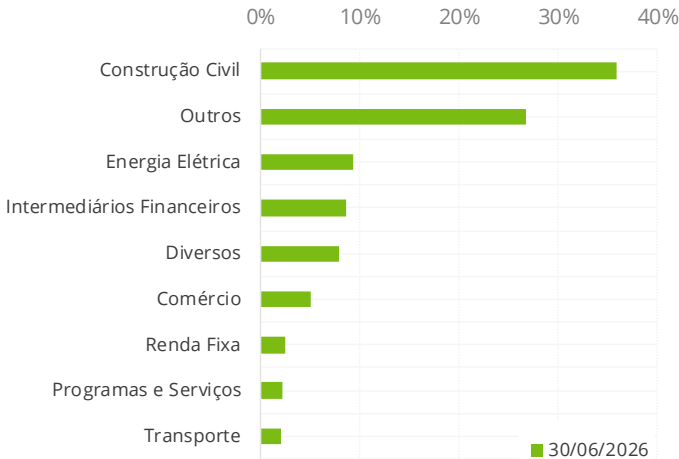


Carteira:

Concentração da Carteira



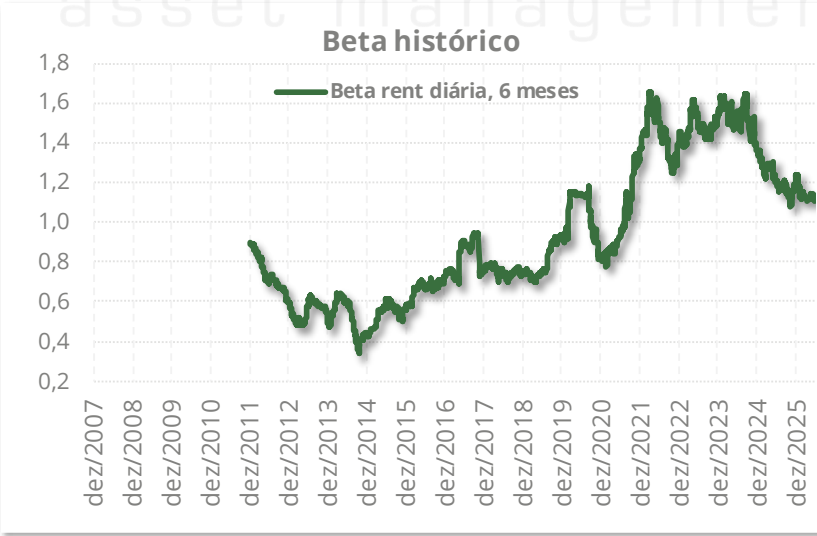
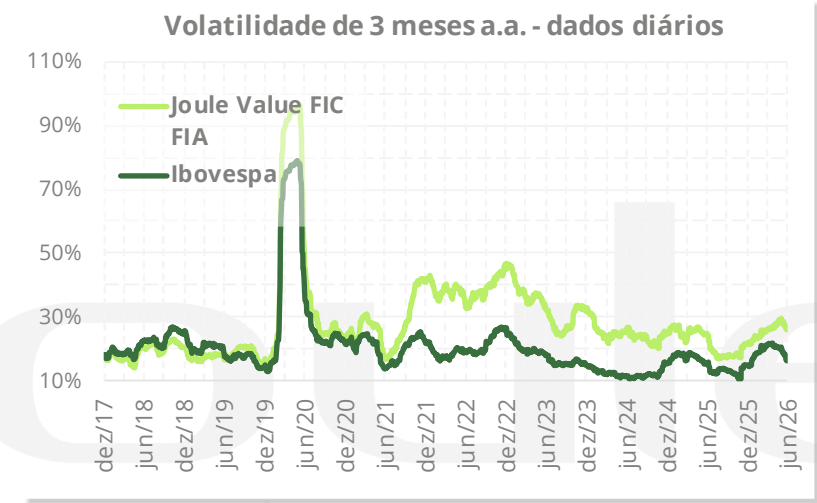
Exposição por Setor e Subsetor



30/06/2026

Risco

Risco	Joule Value FIC FIA	Ibovespa
Volatilidade anual - desde o início	27,45%	25,86%
Volatilidade anual - últ. 3 meses	25,97%	16,24%
Sharpe - desde o início	-0,13	-0,09
Sharpe - últimos 3 meses	0,15	-2,17
Maior retorno mensal	19,76%	16,97%
Menor retorno mensal	-39,53%	-29,90%
Meses positivos	128	132
Meses negativos	107	103
Meses acima do Ibovespa, %	51,5%	n.a.
Meses abaixo do Ibovespa, %	48,5%	



Patrimônio Líquido

Joule Value FIC FIA	
Patrimônio líquido	1.517.651,07
Patrimônio líquido médio 12 meses	1.481.829,18
Atualizado em:	30/06/2026

Joule Asset Management

Rua Iguatemi, 192, cj 163

01451-010 . Itaim Bibi . SP

Atendimento: 11 3045 1647 ou contato@jouleinvest.com.br

www.jouleinvest.com.br



Importante:

Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros.

A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos.

O investimento em Fundo não é garantido pelo Fundo Garantidor de Crédito, FGC.

A Joule Asset Management não intermedia, comercializa ou distribui quaisquer quotas de clubes, fundos ou qualquer outro ativo financeiro.

Informamos que os sócios da Joule Asset Management possuem investimentos nos fundos geridos pela empresa.

Todas as informações contidas nesse relatório têm caráter meramente informativo e, portanto, não devem ser consideradas ofertas de venda ou compra e cotas do fundo ou qualquer título ou valor mobiliário. As projeções, opiniões e valores expressos nesse relatório foram elaboradas no momento da sua publicação e estão sujeitas a alteração sem aviso prévio.

É recomendada a leitura detalhada do Regulamento do fundo que pode ser obtido em nosso website: www.jouleinvest.com.br.

Informações sobre Distribuição e Administração poderão ser obtidas junto à sua Administração e Distribuidora: Singulare Corretora de Títulos e Valores Mobiliários S.A.; Av. Brigadeiro Faria Lima, 1,355 – 5º andar, São Paulo – SP. Tel/Fax: 0800 729 7272. Website: www.singulare.com.br